

## MARX E O INDIVÍDUO

Sandra Regina de Abreu Pires

### RESUMO

O texto tem como tema o indivíduo e a sua presença na obra marxiana. Coloca-se no sentido de resumir, a partir da contestação de argumentos em contrário, alguns aspectos que demonstram não só a preocupação de Marx com o indivíduo, mas também a fecundidade da Tradição Marxista para abordagens analíticas sobre o tema.

Palavras-Chaves: indivíduo, individualidade, marxismo.

Vivemos em tempos modernos (ou pós-modernos como defendem alguns) e nele uma preocupação redobrada com o indivíduo, preocupação esta que se expressa tanto em discursos como no crescimento de tematizações acerca de questões diretamente relacionadas a ele ou, no mínimo, afetas à Microsociologia.

As razões para sua recolocação como foco central em oposição à períodos anteriores, onde dominavam análises denominadas macrossociológicas, podem ser muitas. Porém, todas guardam relação direta com o momento histórico vivido, visto que uma temática ganha relevo quando, sob determinadas condições sociais, nasce a necessidade social de respostas.

Com a questão do indivíduo não é diferente. Se fizéssemos uma retrospectiva histórica de abordagens acerca dos problemas do homem, de sua relação consigo mesmo e com a sociedade, veríamos que elas ganham importância e proliferam em maior número em períodos históricos de crescimento de conflitos (objetivos e subjetivos), possibilitados por alterações mais ou menos intensas nas condições sociais postas.

É isso que temos hoje: um momento de transição (ou no rescaldo dela) para uma reestruturação conservadora do capital que impôs ao indivíduo singular e ao conjunto dos homens o enfrentamento de uma série de situações concretas que, em síntese, colocam objetiva e subjetivamente suas existências sob ameaça. Portanto, é um momento propício para inquietudes e para busca de respostas à perguntas nada recentes como, por exemplo, o que é o homem? qual é, ou qual deveria ser, sua relação com os outros homens? no que consiste sua felicidade? como garantir a ele o pleno desenvolvimento de suas capacidades e de sua individualidade?

A busca por respostas tem sido empreendida a partir de perspectivas teórico-metodológicas e ideológicas diferenciadas, inclusive por aqueles que insistem em manter-se sob filiação à Tradição Marxista. Para esses, no entanto, há dificuldades adicionais, algumas delas perpassadas pela constante reposição de críticas de que tal tradição, por sua dimensão abrangente e macrossocietária, não teria capacidade teórico-metodológica para fornecer as respostas demandadas.

É contra essas críticas e no espírito de desmistificá-las, pelo menos em parte, que este texto se coloca. Isto é, no sentido de resumir alguns aspectos que demonstrem não só a preocupação de Marx com o indivíduo, mas a fecundidade da Tradição Marxista para abordagens analíticas sobre o tema.

#### 1. Marx e a Preocupação com o Indivíduo

A resposta às críticas de que o indivíduo não era uma preocupação para Marx exige situar a origem delas e, para tanto, lembrar, por um lado, a defesa quanto à cisão do mesmo em duas fases distintas (e opostas)

e, por outro, o domínio, em um certo período da história do Marxismo, da vertente Marxista-Leninista – sustentáculo do Socialismo Real no plano ideário.

Quando, a partir da década de 50, fica definitivamente claro o caráter deformado do socialismo capitaneado por Stalin e os equívocos cometidos em nome do pensamento marxiano, abre-se espaço para a redescoberta de Marx enquanto humanista 1, para a negação da tese dos dois Marx e, decorrentemente, para a re colocação da temática em lugar de destaque dentro da Tradição. 2

Desse modo, hoje é possível afirmar que não existem duas fases opostas ou dois pensadores distintos na trajetória de Marx – o Jovem humanista, autor dos primeiros escritos e o Maduro dogmático-materialista, autor de “O Capital”. Apesar da existência inquestionável de diferenças em termos de estilo e no emprego de termos, fato inclusive que motivou vários estudos efetivados com base em análise semântica, é fundamental a visualização de que há uma linha de continuidade em suas teses e concepções básicas.

O pensamento de Marx se constitui em uma unidade orgânica inseparável, com as ideias da juventude funcionando como uma espécie de guia sem o qual não é possível a compreensão da riqueza das obras da maturidade e estas, por sua vez, iluminam e ampliam as análises presentes nos primeiros.

Na tese de Schaff (1967), com a qual concordamos, o eixo central que permite essa linha de continuidade é justamente o problema do indivíduo em sua relação com a natureza e com a sociedade, tendo como preocupação central a libertação do mesmo das condições que lhe cerceiam e deformam – as pertinentes à sociedade burguesa (alienantes e alienadas).

É este eixo que permite visualizar a unidade orgânica existente quando Marx enfrenta posteriormente outras questões de natureza mais econômica: trata-se de uma lógica interna estabelecida com o propósito de desvelar a origem e os mecanismos de reprodução das condições de existência adversas ao desenvolvimento pleno do homem e à sua felicidade, ou seja, a gênese e o desenvolvimento da sociedade burguesa.

É sob este prisma que o autor pode defender como objetivo central de todo o empreendimento marxiano o que já estava presente em seus primeiros escritos, ainda que possa ser criticado como impreciso, imaturo e/ou não plenamente desenvolvido, a saber, a libertação do homem destas condições o que somente é possível integralmente quando a ordem do capital houver sido superada.

É sabido que a Tradição Marxista não se coloca como um bloco homogêneo, conservando várias polêmicas e divergências internas e que, assim, tal tese do indivíduo como eixo central e como objetivo pode não configurar-se como unânime. Porém, independente de posições divergentes nestes aspectos, pensamos que não há no pensamento marxiano ou na Tradição Marxista argumentos à favor de uma desvalorização do âmbito individual.

## 2. O Indivíduo no Pensamento Marxista

Em verdade, embora para nós esteja claro que a preocupação última de Marx era com o indivíduo e com sua libertação das condições sociais limitadoras de sua plena realização enquanto ser humano, é igualmente claro que ele não elabora algo que poderia ser intitulado de Teoria da Personalidade ou Teoria da Individualidade.

Em Marx, mesmo em seus primeiros escritos onde a temática é abordada com maior intensidade, não há algo que se aproxime disso. Todavia, é certo que no conjunto de sua obra 3 estão contidos elementos imprescindíveis para o desenvolvimento disso, direção para a qual caminham obras posteriores importantes dentro da Tradição como, por exemplo, “O Marxismo e o Indivíduo” de Adam Schaff, “Sociologia da Vida Cotidiana” de Agnes Heller e “Marxismo e a teoria da Personalidade” de Lucien Sève.

A enumeração de todos esses elementos não é possível no âmbito deste texto. Assim, nos contentaremos em enumerar algumas críticas quanto à inexistência ou a desvalorização da temática em Marx e, ao contestá-las mesmo que minimamente, destacar alguns deles.

Uma primeira grande crítica é a de que Marx, como economista, preocupou-se em analisar fenômenos econômicos e, por conseguinte, impossibilitou-se de discutir o indivíduo.

Logo de início há que desmistificar o fato de Marx ser um “economista” nos termos atuais; nem mesmo em seu tempo ele poderia assim ser qualificado. Boa parte de seus estudos foram realmente dedicados à Economia Política e, portanto, à fenômenos econômicos. No entanto, nenhuma das categorias marxianas como modo de produção, alienação, fetichismo, dinheiro e etc. podem ser identificadas como materiais ou econômicas stricto sensu.

Por exemplo, a análise crítica empreendida por Marx sobre o dinheiro na sociedade alienada – uma categoria incontestavelmente econômica, tem como ponto central a sua figuração como relação social. Ou seja, neste tipo de sociedade o dinheiro é o mediador universal na relação entre os indivíduos, bem como na relação deles com o mundo das coisas.

É o dinheiro que simboliza o poder de tudo comprar e conseqüentemente de tudo realizar e, simbolizando tal poder (que não tem origem nas forças essenciais do homem, mas que o submete), a ele é transferido toda e qualquer possibilidade de realização do indivíduo.

O poder do dinheiro e a submissão do homem a ele não se expressam apenas nos quadros do significado material do possuir. Se expressam também na superioridade pessoal e social que é conferida àquele que o possui e na inversão que se processa nas qualidades humanas. Como ilustra o trecho abaixo, Marx (1989, p. 232) vê no dinheiro o poder de transfigurar qualidades em imperfeições e imperfeições em qualidades:

“Aquilo que eu sou e posso não é, pois, de modo algum determinado pela minha própria individualidade. Sou feio, mas posso comprar para mim a mais bela mulher. Por conseguinte, não sou feio, porque o efeito da fealdade, o seu poder de repulsa, é anulado pelo dinheiro. [...] O dinheiro é o bem supremo, e deste modo também o seu possuidor é bom.” (destaques no original)

Em síntese, sob relações alienadas a riqueza individual deixa de vincular-se à efetivação da essência genérica historicamente produzida pela humanidade para definir-se enquanto posse de uma quantidade significativa de mercadoria e/ou de seu meio possibilitador – o dinheiro, e este tipo de análise, empreendida com o mesmo cariz no tocante à alienação e à outras categorias, em nada se aproxima de uma abordagem estritamente econômica.

Outra crítica, a está associada, é a interpretação do materialismo marxiano como “economicismo”. A afirmativa de que a chamada “base econômica” determina a configuração superestrutural não é equivalente a um determinismo econômico automático e monolítico. Aliás, não foram raras as vezes em que Marx reforçou o caráter de dependência e influência recíproca entre instâncias estruturais e superestruturais. 4

Implica apenas que Marx, no contexto da oposição ao idealismo de seu tempo (e também ao materialismo lá situado), defendia o primado do real. Vale dizer, as ideias, as representações, os juízos, enfim, a consciência, é condicionada pelas condições concretas de existência e não ao inverso.

É justamente por isso que Marx pôde afirmar que o ponto de partida não é o indivíduo abstrato, imaginado ou pensado. Ele é antes de mais nada um ser corpóreo, real e objetivo; um ser que tem existência material e que tem uma atividade vital que não se reduz à consciência, embora a envolva visto que é uma característica ontológica do homem o fato de ter uma atividade vital consciente e teleológica.

O ponto de partida é, então, esse ser vivente em suas condições concretas, até porque Marx não o vê como isolado e independente do gênero humano ou da sociedade determinada no âmbito da qual dá-se sua existência empírica. Ao contrário, o homem é um ser social e é na socialidade, na interatividade social (forma própria de existência do homem), mediante processo de apropriação do acúmulo histórica e socialmente produzido pelo gênero, que ele se forja verdadeiramente como humano.

Disto já se depreende que a individualidade do singular não é e não pode ser dissociada da genericidade. A atividade social dos homens, com sua base material, é que cria o meio onde o indivíduo vive e é apenas nesse meio, no “médium” criado pela interatividade social, que ele pode se constituir. É ela que cria as condições e os meios objetivos e subjetivos para a realização da forma própria de ser de cada singular, da individualidade entendida como a vida privada ou espiritual de cada um.

Na medida em que o indivíduo, ao nascer, já encontra postas estas circunstâncias sociais, porquanto independentes de sua vontade, podemos afirmar que ele é condicionado pelas mesmas, residindo aí a importância da consideração, em quaisquer análises sobre o homem, do tipo de sociedade na qual está inserido.

Porém, ser condicionado pelas circunstâncias não significa ter uma relação passiva com o preexistente, adaptar-se ou conformar-se ao dado. O homem é produto das condições sociais, mas, por outro lado, é também um ser de criação já que elas são um produto seu:

“A história nada mais é do que a sucessão de diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais e as forças produtivas a ela transmitidas pelas gerações anteriores; ou seja, de um lado prossegue em condições completamente diferentes a atividade precedente, enquanto de outro lado, modifica as circunstâncias anteriores através de uma atividade totalmente diversa. (Marx & Engels, 1999, p. 70)

Equivale dizer que as circunstâncias estão postas, mas não estão dadas em definitivo e que o homem não é um ser passivo. A validade disto é tanto para o conjunto dos homens como fica explícito na passagem acima, como para o indivíduo singular. Isto é, ele é um ser que, ao apropriar-se do produzido, também objetiva-se nele. É um ser que, em um processo, através de sua atividade no interior das relações sociais, vai se compondo como um ser específico e imprimindo algo de seu às circunstâncias herdadas, modificando-as.

Fica negada, portanto, qualquer crítica que defenda como pertinente à Tradição Marxista a figuração do indivíduo como mero reflexo da sociedade, bem como de uma possível pretensão da mesma quanto ao cancelamento de individualidades diferenciadas.

Em Marx está garantido uma autonomia e um papel fundamental ao singular que, pelo processo de apropriação e objetivação individual, recolhe e atribui significados e sentidos a si mesmo, aos outros homens e ao mundo. Além disso, ao apropriar-se das possibilidades de subjetivação postas na socialidade, o fará de forma diferenciada, combinando-as também diferenciadamente. Assim, mesmo sob base social comum e mesmo frente a oportunidades idênticas, cada singular, por seu papel de sujeito, construirá uma individualidade distinta.

Revela-se, por conseguinte, a igualdade e a irrepitibilidade simultâneas do indivíduo. Todos são substantivamente iguais, porque pertencem a um mesmo gênero (gênero humano). Entretanto, precisamente por que são iguais, podendo por isso comunicarem-se, interagirem e viverem em socialidade, são irrepitíveis: apropriam-se e retotalizam as objetivações do gênero de forma diferenciada.

Isto posto, a crítica de direcionar-se à massificação dos homens é muito mais pertinente ao que se processa na sociedade burguesa onde o hiperindividualismo, o egoísmo econômico, a desconsideração do outro

(caso isto traga vantagens à sua particularidade) tanto em termos macrosociedadeiros como no que tange às relações interpessoais e a submissão cada vez maior do indivíduo à sociedade de consumo, dentre outros, jogam com o fim do indivíduo como síntese diferenciada.

Em oposição, na perspectiva marxiana não objetiva-se a igualdade no sentido de indiferenciação entre os indivíduos. Busca-se a instalação de condições sociais concretas onde os mesmos, tendo acesso à oportunidades reais iguais (exponenciadas pela supressão das desigualdades econômicas e sociais), possam desenvolver e explicitar suas diferenças contribuindo, por isso mesmo, para o desenvolvimento do gênero humano.

---

## NOTAS

1 Que tem como fator fundamental mas não único, a publicação de alguns de seus primeiros escritos, dentre eles “Manuscritos Econômico-Filosóficos” (1844) e “Ideologia Alemã” (1845) os quais, até o início da década de 30 de nosso século, eram desconhecidos, bem como “Elementos Fundamentais para a Crítica da Economia Política - Gründrisse” – escrito entre 1857e 1858 e publicado entre 1939 e 1940.

2 Em franca oposição ao Marxismo tornado oficial pela URSS no qual, de fato, por seu mecanicismo levado ao extremo, não deixava lugar para a problemática do indivíduo.

3 Incluindo aí, com destaque, o citado Manuscrito de 1857/58 que não pode mais ser criticado como resultado de um “arrombo da juventude”. No “Gründrisse”, qualificado como uma espécie de esboço a partir do qual é redigido o “O Capital” Marx retoma, amplia e aprofunda temáticas relativas ao indivíduo que estavam presentes nos primeiros escritos.

4 A um determinado modo de produção corresponde, em relação mutuamente recíproca, um modo de pensar e uma certa estrutura organizacional – uma superestrutura que, como a base econômica, é produto do homem, fruto das relações que estabelecem entre si historicamente. Ou, nas palavras de Marx (1989b, p. 106), “Os mesmos homens que estabelecem as relações sociais de acordo com a sua produtividade material, produzem, também, os princípios, as ideias e as categorias de acordo com suas relações sociais. Assim, estas ideias, estas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que exprimem. São produtos históricos e transitórios.”

---

## BIBLIOGRAFIA

FROMM, Erich. Conceito Marxista de Homem. 5. ed. Trad. Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MARX, Karl. Elementos Fundamentais para la Crítica de la Economía Política (Borrador) 1857-1858. Gründrisse. Tradução do alemão por José Aricó, Miguel Murmis e Pedro Scaron. Buenos Aires. Siglo XXI Argentina, 1971. v. 1.

MARX, Karl. Manuscritos Econômicos-Filosóficos. Tradução portuguesa do Inglês por Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.

MARX, Karl. A Miséria da Filosofia. 2. ed. Tradução e Introdução de José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1989b .

MARX, K.; ENGELS, F. Ideologia Alemã (Feuerbach). 11. ed. Tradução do alemão por José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHAFF, Adam. O Marxismo e o Indivíduo. Trad. Heidrun Mendes da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.